



GAYS
África
homofóbica

EUROPA
Pobreza
nas ruas

PREVIDÊNCIA
A polêmica
do rombo

CAROS AMIGOS

A PRIMEIRA À ESQUERDA

ano XVII
nº 205 / 2014
R\$ 10,90



A DIREITA SAI DO ARMÁRIO



ENTREVISTA

INDÍGENAS TRANSGÊNICOS CERQUEIRA LEITE

LITERATURA
À MARGEM

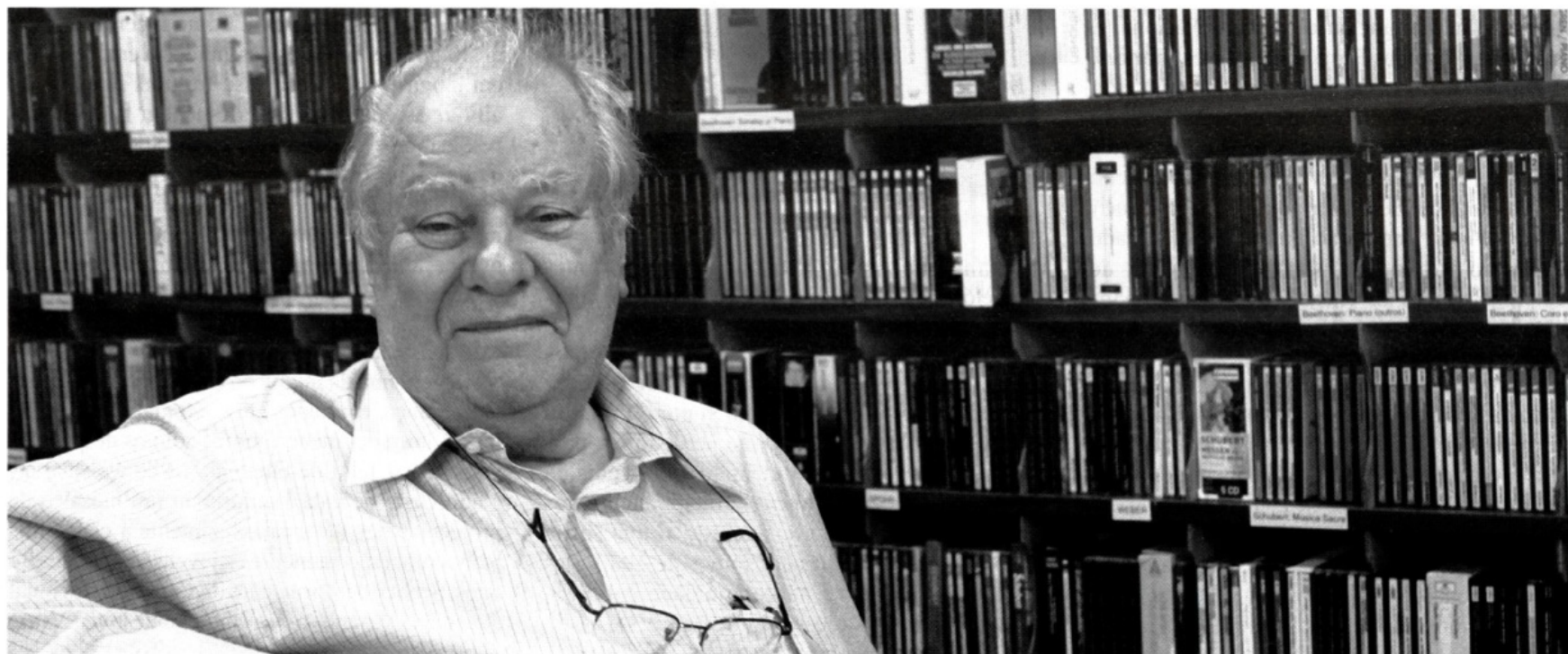
O COME-SE
E BEBE-SE

“EU INVESTIRIA NO
PRÓ-ÁLCOOL”



EU DEIXARIA O PRÉ-SAL E INVESTIRIA NO PRÓ-ÁLCOOL

Um dos principais pesquisadores do País, Cerqueira Leite afirma que Brasil poderia com o etanol substituir 10% da gasolina do mundo



FOTOS: ARAY NABUCO

Por Aray Nabuco e Frédi Vasconcelos

Aos 82 anos, o engenheiro eletrônico e físico Rogério Cezar de Cerqueira Leite entusiasma-se ao falar do Brasil e da produção científica, principalmente do Pró-Álcool, chegando a afirmar que o Brasil deveria deixar as reservas do pré-sal onde estão e investir o mais de 1 trilhão de dólares necessários para retirar o petróleo debaixo do oceano no etanol. Diz que com isso o Brasil poderia suprir 10% do consumo mundial de gasolina e ajudar a combater o efeito estufa, o maior risco que vê hoje para a humanidade. Defende também a pesquisa científica e destaca a criação dos quatro laboratórios nacionais que ajudou a construir e dirigiu, porque são equipamentos que podem ser usados por cientistas brasileiros e de todo mundo para fazer pesquisa de base e criar tecnologias. Veja abaixo os principais trechos de entrevista exclusiva concedida à *Caros Amigos* em sua casa em Campinas, onde trabalha e convive com diversas obras de arte, sua outra grande paixão.

Caros Amigos – Gostaria de pedir ao senhor uma análise sobre a política de ciência e tecnologia do Brasil de uma maneira geral.

Rogério Cezar Cerqueira Leite – Acho que um

País como o Brasil precisa ter um grande esforço em certas áreas que não podem ser deixadas para trás. Recentemente houve grande acerto do governo, que resolveu fazer alguns laboratórios nacionais. São laboratórios abertos a qualquer pesquisador que queira desenvolver seus estudos, seja universidade, seja empresa. Os projetos são avaliados duas vezes por ano. Se é bom, é selecionado. São justamente os quatro laboratórios dos quais fui presidente até recentemente, de nanotecnologia, de biotecnologia, criados um pouco antes graças a um apoio especial do ex-presidente Lula. Ele entendeu os projetos e deu bastante apoio. O outro laboratório é o Síncrotron, que já está construído e atua da mesma maneira, como laboratório aberto. E um quarto, que é uma necessidade para o setor de energia, que se dedica ao etanol. O etanol ainda tem muita coisa a ser desenvolvida, muita tecnologia ainda a ser desenvolvida. Basta dizer que não existe nenhum artigo brasileiro sério sobre a fotossíntese. Existem trabalhos na Índia, alguns poucos nos Estados Unidos... No Brasil deixaram isso para lá. Desenvolveram muitas tecnologias, mas sem conhecer a especificidade dessa planta, a cana.

Nesses laboratórios são feitas pesquisas de base e desenvolvidas tecnologias. Os grandes equipamentos, como o Síncrotron, foram projetados e feitos inteirinhos no Brasil, com muita tecnologia e muita engenharia inclusive.

E isso demora quanto tempo para dar resultado?

É difícil dizer. Acho que já está dando resultado do ponto de vista científico. Do ponto de vista pragmático em algumas áreas, como a de biotecnologia, já existe contato com muitas indústrias. A nanotecnologia começa a ter alguma coisa, com contratos também com algumas indústrias. Já existem trabalhos sendo feitos, por exemplo, para a Petrobrás e para grandes empresas como a Brasken no Síncrotron.

O senhor falou do etanol, ainda acha importantes esses estudos quando atingimos autossuficiência na área de petróleo?

No momento não somos mais independentes, o Brasil está importando derivados de petróleo, principalmente diesel. É pequena essa parte, 10%, 15%, mas perdemos a autossuficiência porque o consumo cresceu muito e a produção não

suficientemente. Mas acho que não é só isso que está envolvido. O álcool tem uma importância mundial, porque ele substituindo a gasolina e o diesel, eventualmente, é uma arma contra o efeito estufa, a maior ameaça que a humanidade sofre. Tenho certeza de que o etanol ainda vai sobreviver. Atualmente está meio massacrado por duas coisas, a existência do pré-sal, porque com isso o governo perdeu o interesse no álcool, e pela luta contra os preços dos derivados de petróleo no Brasil.

Chegamos à situação de ter de importar álcool de milho dos Estados Unidos, que tem um custo muito maior que o nosso de cana. Por que isso aconteceu?

Em primeiro lugar, o preço do açúcar se tornou mais elevado e algumas das usinas passaram a produzir mais que o previsto. Outro fator é uma espécie de contenção de preços no mercado interno, o que torna o álcool não tão convidativo. Algumas usinas chegaram a fechar por causa disso. Esses dois fatores são os principais. Mas algumas usinas também fecharam porque estavam endividadas e não conseguiam competir. E nessa hora acho que o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) ou o governo deveriam ter socorrido essas empresas. Porque o governo, com a necessidade de conter a inflação, segurou muito o preço da gasolina e, assim, o do álcool.

A Petrobrás está no olho do furacão, com ataques de todos os lados. A gente ganharia alguma coisa privatizando a empresa, como defendem alguns?

Tenho um blog, que acho que ninguém lê (risos), onde acabei de fazer um artigozinho sobre isso, mandei para a *Folha de S.Paulo*, que não aceitou porque já havia saído, refiz com outro enfoque e vou mandar de novo para ver se aceita. Acho que o que aconteceu foi um mal entendido, a questão da diferença de preço da usina (*de Pasadena, N.R*) é uma besteira. Todo mundo acha que as empresas fazem seu preço de acordo com o patrimônio, calcula lá e vende, mas não tem nada disso. Quando se vende uma empresa você está vendo qual será seu lucro no futuro, como vai operar. Quando a Astra (*o antigo sócio da Petrobrás, N.R*) comprou essa empresa nos Estados Unidos por 43 milhões de dólares, o petróleo estava em baixa, para cada barril você ganhava no máximo dois dólares. Quando a Petrobrás comprou estava a 12 dólares. Por causa do "boom" do petróleo, que passou a ser vendido a preços mais elevados. O que aconteceu é que o valor de mercado da empresa aumentou enormemente. Depois esses preços nunca são feitos dentro da empresa, você tem bancos e consultorias especializados que calculam. Até hoje continuam repetindo que a Astra comprou por 43 milhões e a Petrobrás pagou muito mais. E o diabo é que os jornais sabem que não é assim que se avalia o preço de uma empresa, os políticos sabem, mas se continua usando isso porque o povo não sabe, não entende. Usa-se a ignorância.

Mas há mais coisas sob ataque na Petrobrás, até parece que a empresa é que vai decidir a eleição este ano?

O grande problema é o investimento no pré-sal. Havia feito um cálculo antes que dava uma necessidade de um trilhão de dólares, mas pode dar até mais, a dois trilhões, é difícil de dizer. De qualquer forma é um gasto imenso. Eu, particularmente, acho que se pusesse esse mesmo dinheiro no álcool seria melhor. Fiz um estudo extenso, mais de 200 pessoas trabalhando, e a conclusão é que seria muito mais competitivo investir no Pró-Álcool. Claro que o governo teria de fazer parcerias, mas preferiu o pré-sal porque acho que concentra mais poder, de uma maneira que fica mais no Estado. E é característica do PT essa escolha. Com o álcool não tem muito como fazer isso, porque é extensivo, é mais para o setor privado. Na verdade o Lula sabia que o álcool seria mais fácil, mais seguro, porque há muita insegurança ainda no pré-sal.

Mas o que fazer quando se descobre uma reserva desse tamanho? Seria melhor deixar o petróleo lá embaixo?

Eu acho que sim. No momento seria melhor ter reservado e desenvolvido o Pró-Álcool. Usando 20% das terras que são hoje meio abandonadas, pastos antigos etc., que são adaptáveis e boas, de acordo com levantamento feito com muitos detalhes, você pode substituir 10% da gasolina do mundo. Publicamos trabalho muito detalhado e sério sobre isso, foi feito por meia dúzia de universidades, todos os centros de pesquisa no País, todo mundo se agregou.

Nesse trabalho já se considera o álcool de segunda geração?

Não, foi feito apenas com o álcool de primeira geração, mas montei outro grupo para estudar a segunda geração. Mas hoje pode se chegar à conclusão de que tudo que a gente fizer, com o mesmo território, se tem aumento de 50% da produtividade com a segunda geração. Seria um ganho para nós e para a humanidade, porque haveria uma redução perceptível no efeito estufa.

E o Brasil já teria a vantagem de ter centros especializados em tecnologia agrícola, como a Embrapa?

A Embrapa mexeu muito pouco com cana, só mais recentemente. Porque havia a Copersucar, e ela tinha um centro de pesquisa importante, com mais de duas mil pessoas trabalhando lá, entre engenheiros e pesquisadores. Tinha gente e competente. Hoje não tem mais, esvaziou-se. Por causa disso a Embrapa não se envolveu, achou melhor fazer outras coisas.

A Petrobrás tem parcerias com diversas instituições para pesquisa. Esse modelo também está sendo

usado no setor aeroespacial, com o governo não investindo quanto deveria, mas buscando parcerias, como com a Embraer. Esse é um bom modelo?

Claro que é um bom modelo. Mas acho que o que a Petrobrás fez foi um exagero. Havia mais de 200 locais que eles ajudavam e no fundo isso não deu muito certo. Porque houve grande diluição de recursos, tinha de ter concentrado em meia dúzia de lugares e aí criar um centro independente, capaz de fazer pesquisa. Ela não fez isso e foi certo exagero. Porque em muitos lugares se parar de dar dinheiro eles deixam de existir, não se criou uma cultura, uma tradição. O que ela fez foi mais política com esse dinheiro.

E como o senhor avalia o acordo com a Ucrânia na área aeroespacial?

Os ucranianos são muito difíceis. Tenho relações com gente dessa binacional feita entre Brasil e Ucrânia, ele estava falando que não dava para continuar porque os ucranianos não transferem tecnologia, exigem um monte de coisas...

E no caso da China?

Acho que com a China não é tão ruim. Inclusive, daqui um mês deve sair um satélite feito metade aqui e metade na China que deve ser lançado por um foguete chinês. Nessa área aeroespacial o Brasil poderia se desenvolver mais rapidamente se o governo desse um apoio mais decisivo. Fica contando só com a Embraer, e é necessário lembrar que a Embraer é uma empresa privada, cujo objetivo é o lucro, não o desenvolvimento nacional. Você não pode esperar que as empresas assumam papéis que são de responsabilidade do Estado, isto é, desenvolvimento de tecnologia nacional.

E o polo de tecnologia de São José dos Campos, que junta Ita e outras instituições?

Acho que lá está funcionando de forma bem razoável. É uma coisa que vem devagar, porque as empresas precisam amadurecer, aprender a lidar com projetos de certo tipo... Aqui em Campinas é que falhou um pouco. O primeiro tecnopolo planejado do mundo foi feito

aqui. Claro que havia o Vale do Silício e a Rota 128, nos Estados Unidos, que nasceram espontaneamente. Aqui houve planejamento, só que as prefeituras e os prefeitos não perceberam a importância disso, porque como é concessão de uso de solo tem a ver com as prefeituras. Em São José o prefeito era um ex-aluno do Ita, conhecia bons engenheiros, e trabalharam direitinho.

Agora, o Brasil comprou caças da Suécia baseado na ideia de transferência de tecnologia, o senhor acha que esse tipo de acordo funciona?

É custoso para isso. Achei a decisão correta e briguei muito por ela debaixo dos panos, falando

com o pessoal lá dos ministérios. Falei até com o Lula quando ele queria comprar aquela coisa francesa, que era uma caixa-preta. A proposta da Suécia foi desde o primeiro momento mais atraente porque significa trazer um pouco de tecnologia, não vai dar para o Brasil ser autônomo só com esse projeto, mas vai trazer um benefício muito maior.

Os Estados Unidos, por exemplo, vetam a transferência de tecnologia para o Brasil.

Não é só com o Brasil, mas com o Brasil é um pouco mais. Você não precisa vetar transferência de tecnologia para o Paraguai. Mas, para o Brasil, que tem alguma possibilidade de ter autonomia tecnológica, eles têm de lutar. É uma questão pragmática para eles.

As parcerias com China e Ucrânia, por exemplo, não têm como romper esse cerco à transferência de tecnologia. Numa hora vai acabar trombando com os Estados Unidos, com a França... Qual o caminho, o próprio Brasil desenvolver essas tecnologias?

A gente não pode se esconder, temos de enfrentar essa situação. Um caso interessante, que nem foi ideia minha, mas foi uma boa ideia, foi fazer um reator nuclear multiuso. É um projeto do Ministério de Ciência e Tecnologia, só que fizeram a besteira de contratar a Argentina para fazer o projeto. Na hora que eles fazem o projeto, eles vão aprender um bocadinho e a gente nada. Briguei com o Mercadante (Aloizio) quando ele era ministro da Ciência e Tecnologia e ele disse: "temos de fazer algo com os argentinos." Eu disse, faz outra coisa, vende automóveis para eles, dá de presente alguma, mas o que não tem sentido é perder uma oportunidade como essa para desenvolver tecnologia nacional. Ao mesmo tempo acho que esse é um projeto importante.

O que o senhor acha da retomada do programa nuclear, com a construção de novas usinas?

Na minha opinião, isso é outro besteiro. O Brasil precisa estudar, fazer um bom programa na área de pesquisa nuclear. Há um futuro nisso, não sabemos que tipo de energia vamos precisar. E há outras aplicações de reatores também. Temos de fazer pequenos reatores, grandes reatores, fazer um programa como esse que se inicia, com competência. O Sícroton, por exemplo, foi montado desse jeito. Tem de repetir essa mesma experiência na área nuclear para aprender. Agora, comprar máquinas sem saber como elas funcionam não tem sentido. Quando você compra essas máquinas alemãs que vieram aí ou americanas, você aprende apenas a apertar botões. Acho que o Brasil não está pronto para a energia nuclear, que exige certa cultura, vivência com esse tipo de máquina. E essas novas usinas são compradas prontas e acho que não existe nenhuma pretensão do Brasil de fazer ou participar.

Testamos há pouco motores dos submarinos nucleares?

Esse é outro projeto, de pequenos reatores. É um bom projeto. O pessoal de Iperó (interior de São Paulo) conseguiu uma grande façanha na área de enriquecimento de urânio, um feito importante, com a fabricação das centrífugas, que têm alguma originalidade, são mais eficientes e menores que as antigas e foi uma solução muito interessante para o Brasil.

Pelo que o senhor está falando a energia nuclear não seria uma boa solução para o Brasil ainda... Mas há também muitas críticas às usinas hidrelétricas.

Ainda, até porque a eletricidade de origem nuclear é muito mais cara. Sobre as hidrelétricas, há um engano aí, o pessoal está lutando contra o represamento de água. Falaram a mesma coisa da usina das Três Gargantas, na China, e o que está acontecendo? Um milhão de pessoas que morriam por conta das enchentes deixaram de morrer. Realmente, mexeram nas casas das pessoas e puseram para cima. Conheci o projeto antes de encher, e acho que a água ali só trouxe benefícios. Duvido que algumas dessas coisas tenham importância ecológica. Há problemas, como na usina de Balbina (no Amazonas), aquilo lá foi uma besteira. As outras usinas são todas aceitáveis, não interferiram com a ecologia real. Dizer que vai morrer meia dúzia de sapos, isso é uma bobagem. Os sapos são empurrados para outras áreas.

O senhor considera que essa matriz hídrica é ainda a mais adequada?

Sim, não tenho dúvida nenhuma. É a mais segura e apesar dos efeitos agora de falta de água é ainda o que existe de mais seguro, mais barato, ecologicamente aceitável. A eólica tem o problema que o vento sopra quando quer. Ela não é tão segura ao fornecimento quanto a elétrica que tem reservatório. Os preços da eólica hoje são competitivos quanto ao potencial instalado, mas elas não têm confiabilidade.

O senhor é favorável ao Brasil ter a bomba atômica?

Não, não sou favorável. Sou favorável a que ninguém tenha bomba atômica. Acho melhor ainda não ter, olhando a atual distribuição geopolítica. Podemos ter a tecnologia nuclear, com isso se consegue fazer um monte de coisas, como mecânica fina e outras que vêm junto.

O laboratório Sícroton está construindo outro acelerador, que vai custar cerca de 700 milhões de reais?

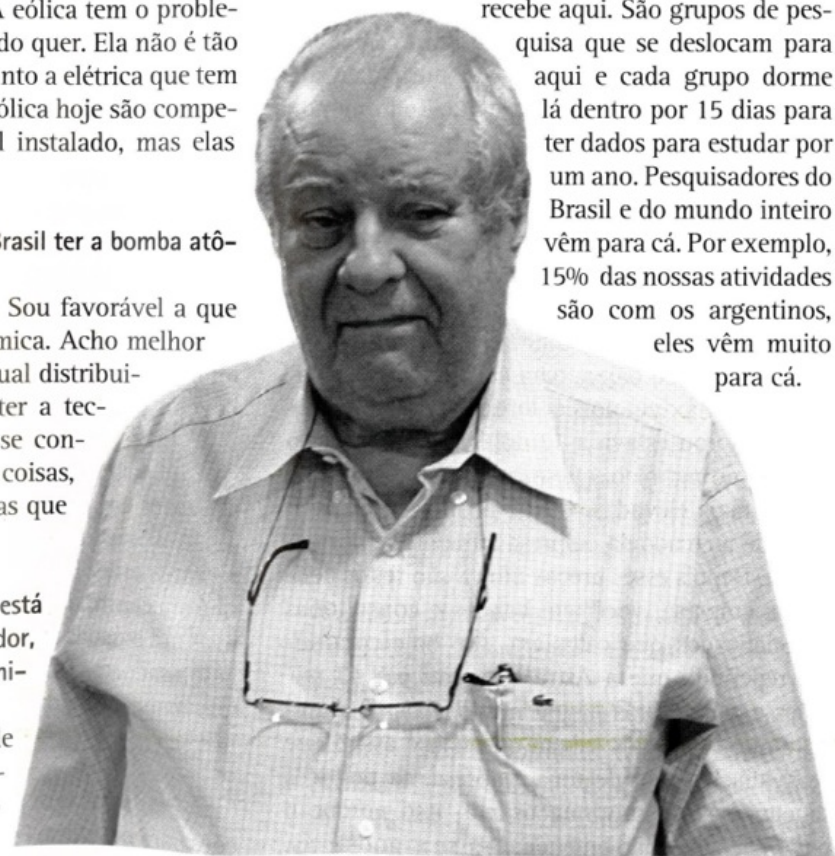
Vai custar 600 milhões de reais. No projeto atual o governo federal dá um terço por meio do Tesouro, mais

um terço vem do BNDES e um terço deveria vir da Petrobrás. Mas a Petrobrás negaceia isso, embora seja em potencial um grande usuário do sistema. A Petrobrás tem, por lei, que reservar 1% de sua receita em pesquisa, meio por cento para uso interno e meio por cento que distribui. Só que estão usando uma série de truques para não ter de gastar esse dinheiro, porque estão com a caixa baixa. E lembre-se de que é uma empresa que tem de fazer caixa para pagar suas despesas, pagar suas dívidas e no momento está fazendo isso e a gente está tentando negociar. A tal de Foster (Graça, presidente da Petrobrás) ninguém consegue falar com a mulher, é mais fácil falar com a Dilma.

Para a gente explicar para o leitor, o que faz esse acelerador do Sícroton?

Ele acelera elétrons e os elétrons produzem radiação eletromagnética de todos os tipos possíveis e em grande quantidade. Essa radiação faz o que a luz fazia antigamente. No meu tempo de pesquisador, o instrumento era o laser, com o qual você faz a luz interagir com a matéria e observa algumas reações, com isso se aprendeu o que era um semicondutor, por exemplo. Hoje a mesma coisa é feita com essa máquina, que resolve problemas práticos, como de metalurgia, para ver como os átomos se mexem dentro de um metal, como se mexem num cristal. É essencial para estudar tudo em que existe matéria. E para a biologia também. Hoje para saber como uma proteína funciona tem de usar o Sícroton. Com outros meios não tem intensidade suficiente. E é uma máquina tão poderosa que faz em cinco minutos o que um pesquisador poderia fazer com o laser de alta potência em vinte dias. É muito mais prático. E o que acontece? São centenas de projetos que a gente

recebe aqui. São grupos de pesquisa que se deslocam para aqui e cada grupo dorme lá dentro por 15 dias para ter dados para estudar por um ano. Pesquisadores do Brasil e do mundo inteiro vêm para cá. Por exemplo, 15% das nossas atividades são com os argentinos, eles vêm muito para cá.



E nossos pesquisadores hoje têm nível para fazer pesquisas de ponta nessa área?

Têm. Isso é uma coisa que o Brasil pode dizer, que existem nichos de competência em ciência básica e ciência fundamental que são de primeira qualidade. Tem gente jovem muito boa e isso que é importante.

Falando em investimento em pesquisa e ciência, a gente vê agora a Universidade de São Paulo (USP) em crise, despencando nos rankings... Como o senhor avalia isso?

O mal da USP, como de todas as universidades, está no sistema de gestão. A pessoa é funcionário público, não pode ser mexido. E fazer pesquisa exige muito, cansa mais que o trabalhador braçal. E essa coisa continua o pessoal não aguenta muito, acaba fazendo outras coisas. O salário também não é lá essa coisa. E é mais fácil só dar aula, faz a mesma coisa todo dia, cada ano. Não exige tanto intelectualmente como fazer pesquisa.

Qual o modelo que o senhor enxerga que poderia alavancar essas pesquisas?

Vou confessar uma coisa aqui. Acabei de fazer uma proposta ao governo de criar uma nova universidade, porque acho que essa atual no Brasil, federal ou estadual, não vai sair dessa situação que está. Não vai dar para fazer com o atual modelo de gestão. Como é que você elege o reitor? Faz um monte de negociatas, com cargos futuros para os candidatos... Aí o povão vai lá e escolhe um cara, que está sobrecarregado com um monte de mediocres que não fazem pesquisa. Fazem política universitária, e isso dá mais benefícios que pesquisa. E aí fica um circuito autoalimentado da mediocridade apoiando a mediocridade. Os reitores são mediocres, mal escolhidos. No mundo inteiro reitores e diretores são escolhidos por uma comissão chamada de comissão de busca, tem dois da universidade e três de fora. Esse pessoal sai no mundo procurando a pessoa ideal para ocupar aquela posição, que não negociou com ninguém, não está comprometido com a corporação interna, da busca do conhecimento porque vive muito mais na política dentro das universidades. Acredito hoje que a criação de uma organização social, que não é uma solução de esquerda, é a melhor para a área de ciência e tecnologia e para a produção de conhecimento de maneira geral.

E como mudar isso?

Nesse ponto sou bem prático. Sei que desmontar as universidades que estão aí vai ser impossível, não vão querer deixar de ser funcionários públicos. Embora pague mal, dá uma estabilidade, os indivíduos acham bom. Acho que não dá para mexer como elas estão. Mas dá para fazer com as novas universidades, torná-las organizações sociais, com contratação por meio da CLT. Uma organização social, uma pequena universidade e vamos ver como ela se sai. Se for mais eficiente, mais barata etc. daí a gente começa a aplicar para as

novas universidades. Vamos fazer uma experiência para ver se funciona. Já encaminhei a proposta ao ministro Mercadante e a diversas instâncias da área de educação.

E quais áreas teria essa universidade?

Seriam três, química, física e biologia de uma maneira geral, biotecnologia. Mas teria um departamento de matemática, porque os outros precisam e, obviamente, de um departamento de humanidades. Porque não acredito que se pode ser um bom cientista se não tiver formação de humanidades.

Há pouco o senhor entrou numa polêmica defendendo os médicos cubanos, escreveu artigo na *Folha* dizendo que não são casos isolados que estragam o programa. O que acha de trazer médicos de fora para cá?

Você tem de ver o outro lado, que não trazer médicos significa deixar gente morrendo, sendo mal tratada. Não existem médicos em número suficiente. Tentar criar médicos assim aos trancos e barrancos não vai dar certo e os próprios médicos não vão deixar. Não é a melhor solução, mas é a única possível. E está funcionando bem. A *Folha* publicou que 16 milhões de pessoas já foram atendidas e 69% acharam o atendimento bom e excelente. É uma solução excelente para o Brasil e a gente ajuda um pouco Cuba.

Mas por que tanta crítica? Por que quando se tenta mexer em qualquer coisa no Brasil há tanta grita?

Em primeiro lugar os médicos formam uma corporação muito cerrada. Esse exame que eles fazem para médicos que vêm do exterior, o Revalida, nenhum dos médicos brasileiros passa. É uma questão de defender o bolso deles em primeiro lugar.

O senhor é membro do conselho editorial da *Folha de S. Paulo* há muitos anos. Como avalia a grande imprensa brasileira? E a *Folha* em particular.

Sou o membro mais antigo do conselho. No meu blog faço críticas à *Folha* sempre que acho necessário e até hoje não me puseram na rua. Acho que é importante que haja jornais como a *Folha* e o *Estadão*. Não são muito justos, dizem que não tomam partido, mas tomam. Não há partido político, mas sim muito mais ideológico. Mas é melhor ter isso que não ter nada. De qualquer maneira acho que a *Folha* mudou muito nos últimos anos. Houve época que diria que a *Folha* era um jornal de centro-esquerda. Ela se abriu um pouco para novas ideias e, por sorte, eu estava lá. E o velho Frias (Otávio) sempre foi muito discreto, nunca vi ele tomar uma decisão autoritária, sempre discutia.

E o que aconteceu com o jornal depois?

Acho que ele se inclinou um pouco à direita porque o empresário quer que sobreviva o jornal

e jornal de esquerda não sobrevive. O jornal de direita tem apoio dos empresários e a direita é muito mais fiel ao jornal. A esquerda já é mais independente. Acho que é um pouco disso, de sobrevivência mesmo e da necessidade de a empresa crescer.

O senhor votou no Lula e na Dilma?

Sim. Eu tinha alguns amigos que eram petistas convictos como Aziz Ab' Saber, Antonio Cândido, pessoas muito próximas a mim, e quando o PT teve algumas infelicidades, como o mensalão, eles se afastaram. Eu decidi fazer as críticas, não gosto de algumas pessoas do PT, mas acho que o melhor para o Brasil ainda são as coisas que o PT está fazendo. É só ver a distribuição de renda, todo mundo falava em distribuição de renda e nunca fez nada. O Lula foi lá e fez. Isso para mim é quase suficiente.

Se o senhor fosse presidente da República, quais as medidas que adotaria para um projeto nacional na área de ciência e tecnologia?

A tradição brasileira é de dispersão de recursos. Tem até de dar para emergentes, mas concentração de recursos tem de ser feita em grupos que já são capazes de produzir mais gente, grupos de excelência. Não é muito elegante dizer isso, mas acho que tem de haver concentração. Outra coisa, imediatamente deveria-se tentar consertar as universidades, do jeito que estão não vão conseguir sair da mediocridade. Não tem saída para elas. Não é só no Brasil, teve levantamento feito pelo pessoal de Oxford sobre a América Latina que chegou à conclusão de que com esse tipo de gerenciamento não tem solução. Sem mudança de gestão não há saída para as universidades. Ter algumas áreas de motivação econômica, como nesse centro de pesquisa do etanol. Coisa desse tipo tem de acontecer no Brasil. E investir em física, biotecnologia e química.

O senhor é otimista em relação ao Brasil?

Sim, se não já teria me mudado. Sei que existe muita coisa errada, mas existe uma busca natural do homem pela melhoria. Existem umas coisas muito negativas, como nosso sistema tributário, nossos políticos, quando a gente vê algumas manifestações do Congresso às vezes dá vontade de desistir. Não sei se já foi melhor, mas a gente não percebia tão

bem como percebe hoje. Mas não vejo hoje figuras que vi no passado como Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela, Severo Gomes... Tenho esperanças no Mercadante, é uma pessoa séria. A presidenta é um pouco intempestiva, mas não tenho dúvida de que seja séria, honesta... O próprio Lula é uma pessoa positiva que ainda está aí. Mas no Congresso precisava ter alguém como o Ulysses... C

Aray Nabuco e Frédi Vasconcelos são jornalistas.

FIZ UMA PROPOSTA DE UMA NOVA UNIVERSIDADE. ACHO QUE ESSA ATUAL NÃO VAI SAIR DA SITUAÇÃO QUE ESTÁ